

## Nietzsche e o cristianismo: do problema político-cultural à questão fisiopsicológica

*Adriano Geraldo da Silva<sup>1</sup>*

**RESUMO:** A investigação dos fundamentos da crítica nietzschiana ao cristianismo permite compreender a constituição fisiopsicológica como o elemento mais fundamental a partir do qual Nietzsche estabelece a tipologia própria do indivíduo cristão. Nossa hipótese de trabalho estabelece que há um elemento anterior à questão fisiopsicológica, que motiva Nietzsche em sua empreitada contra o cristianismo, expressa, sobretudo, em sua crítica à cultura alemã do século XIX. Em última instância, trata-se de afirmar que a crítica nietzschiana ao cristianismo se desenvolve a partir de dois níveis de compreensão: o nível fisiopsicológico e o nível político-cultural, que ocupa a primazia lógica na exposição do problema. Neste sentido, o percurso intelectual percorrido por Nietzsche em sua crítica ao cristianismo pressupõe, antes de tudo, seu nexos com a constituição da cultura alemã, além de seus valores, sua moral, sua arte, mas, sobretudo, sua configuração política. É este pressuposto que permite a Nietzsche estabelecer a tipologia do fraco, aplicada ao cristianismo, mas, antes de tudo, como configuração do alemão decadente do século XIX, tendo a moral como o elo de ligação entre os dois níveis de compreensão da problemática cristã.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política. Cultura. Fisiopsicologia. Moral. Cristianismo.

### INTRODUÇÃO

O objetivo de nosso trabalho é analisar o modo pelo qual Nietzsche transita, no tocante à questão do Cristianismo, em sua crítica, do problema político-cultural à questão fisiopsicológica. Trata-se de afirmar que no desenvolvimento de sua análise, Nietzsche toma como ponto de partida um elemento político-cultural, relacionado ao cristianismo protestante como fundador da consciência política alemã, para então alcançar um nível de compreensão orgânico do problema fisiopsicológico como elemento mais fundamental de sua análise crítica. Em outras palavras, trata-se de afirmar, aqui, que o problema político-cultural, no que diz respeito à constituição da consciência política alemã no século XIX, ordenada a partir do cristianismo protestante, ocupa primazia na ordenação dos elementos fundadores de sua análise crítica. Nossa hipótese de trabalho busca afirmar que o problema sobre o cristianismo na filosofia nietzschiana gravita entre os polos político-cultural e fisiopsicológico, de tal modo que sua percepção se orienta de um para o outro no decorrer da passagem de seus escritos da juventude até a maturidade, quando sua consciência sobre o cristianismo, bem como sobre a moral, que em última instância são oriundos do nível fisiopsicológico, alcança sua melhor formulação.

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela UNICAMP. Professor do curso de bacharelado em Filosofia da FACAPA.

Também procuramos afirmar que o elo de ligação entre estes dois níveis de compreensão do problema cristão é a moral, como produto do ressentimento fisiopsicológico que, por sua vez, estabelece as condições propícias para o desenvolvimento da cultura e da organização da consciência alemã no período de Nietzsche. Ligados por este elo conceitual, os dois níveis de compreensão do problema cristão formam um todo articulado que constitui uma das linhas mestras que perpassa a filosofia nietzschiana.

Esta leitura que ora apresentamos se justifica pelo fato de que, em *O Anticristo*, obra da maturidade e na qual Nietzsche se dedica, em seu teor, inteiramente ao problema do cristianismo como um problema filosófico e cultural digno de discussão, ambos os níveis de compreensão aparecem emparelhados constituindo uma abordagem orgânica que Nietzsche realiza sobre o problema. Nosso objetivo, portanto, é indicar de que modo, ao longo de sua produção intelectual, Nietzsche transita de uma compreensão político-cultural para uma compreensão fisiopsicológica, tendo a moral como elo de ligação destes dois níveis de compreensão do problema.

Neste sentido, no primeiro momento nossa análise se deterá sobre o primeiro nível, político-cultural, que ocupa a primazia lógica na constituição da crítica nietzschiana ao cristianismo. No segundo momento, tomamos o segundo nível de compreensão, sobre a fisiopsicologia, como fundamento a partir do qual se desenvolve a moral e a cosmovisão que permitirá o estabelecimento da cultura de então. Também neste segundo momento indicaremos o modo pelo qual a moral se firma como elo de ligação entre estes dois níveis de compreensão do problema do cristianismo em Nietzsche.

## 1 O CRISTIANISMO COMO PROBLEMA POLÍTICO-CULTURAL

O “problema alemão” que deveria ser tratado com seriedade, conforme exortava Nietzsche no prefácio à Richard Wagner, de 1871, em *O Nascimento da Tragédia* (GT/NT, Prefácio de 1871), corresponde ao cerne de suas preocupações nos escritos da juventude, mas que de forma alguma foi abandonado nos textos da maturidade. Embora transposto à um novo *locus* na hierarquia de suas preocupações, como o grave contínuo de uma música que perpassa toda a melodia sustentando-a, este problema continuou a pulsar em seus escritos maduros, entendido, a partir de então, como problema de superfície que remete a questões de ordem mais profunda no que diz respeito à fisiopsicologia da potência, expressa nos conceitos de moral forte ou nobre e moral fraca. A partir desta chave de leitura temos acesso ao lugar em que o cristianismo ocupa em sua obra, sobretudo se considerarmos este a partir da ótica primeiramente político-cultural. O fato de que impera, nos escritos da juventude, um

“precavido e hostil silêncio [com que] se trata o cristianismo” (GT/NT, prefácio de 1886, §5)<sup>2</sup> não reduz em nada a hipótese aqui levantada. Há, primeiramente, uma compreensão acerca do evento cristão ligado imediatamente à cultura alemã do século XIX, e que somente num segundo momento remete à problemática fisiopsicológica, muito bem exposta em *Genealogia da moral* e *O Anticristo*, conforme veremos, a seguir.

A hipótese de trabalho que ora levantamos e que pretendemos defender ao longo do texto afirma que o que se dá no campo fisiopsicológico encontra sua expressão mais elevada nas construções históricas conjuntas da humanidade, tal como na religião, na moral e na política, de tal modo que o problema do cristianismo, amplamente abordado por Nietzsche a partir da ótica fisiopsicológica através do método genealógico, nos escritos maduros, resulta gravemente no problema político-cultural que assola a Europa como um todo, sobretudo a Alemanha, constituindo o movimento da *décadence*. Em suma, o que se nota na aparente manifestação do espírito cultural resulta, em última instância, de processos profundos que ocorrem no íntimo dos indivíduos, provocando movimentações que instituem a massificação dos desejos e afetos gerais, que encontram na estrutura político-cultural sua expressão mais acabada.

Há, para Nietzsche, uma íntima associação que deve ser feita entre o cristianismo e a consciência alemã. Sobretudo, é preciso destacar o problema desta relação na seguinte formulação: a tendência natural alemã foi capaz de transformar o cristianismo católico no protestantismo. É da guerra contra Roma que surge mais do que uma simples ruptura religiosa, mas a consciência constituída de um povo a partir de sua ousadia histórica, manifestada na forte oposição de Lutero às práticas exercidas em Roma, bem como sua organização institucional. É neste sentido que ainda é válida a afirmação de que a reforma possibilita a consciência do ser alemão.

Esta coincidência entre o ser alemão e o ser cristão é apresentada de forma evidente no aforismo 61 de *O Anticristo*. Nele, Nietzsche se apercebe deste vínculo entre religião e consciência político-cultural.

Ah, esses alemães, o que já nos custaram! Em vão — eis o que sempre foi a grande obra dos alemães. — A Reforma; Leibniz; Kant e a assim chamada filosofia alemã; as Guerras de Libertação; o Reich — a cada vez um “em vão” para algo que já havia, para algo que não podia ser trazido de volta... Confesso, são meus inimigos esses alemães: neles desprezo toda espécie de desasseio nos conceitos e valores, de covardia ante todo honesto Sim e Não. Há quase um milênio eles vêm

2 É preciso considerar que esta citação remonta ao prefácio tardio de 1886, que constitui a *Tentativa de autocrítica*. No entanto, embora se trate de uma afirmação da maturidade dos escritos nietzschianos, revela o modo como o filósofo compreendeu, neste momento, o modo pelo qual o cristianismo emerge como problema sério em sua produção intelectual a partir da questão político-cultural. Acreditamos que Nietzsche, em 1886, tomou consciência de que, na juventude, ao tocar o problema político-cultural alemão necessariamente tocava a problemática relativa ao cristianismo, ao entender como este se configurou como mola propulsora da cultura alemã do século XIX. O decorrer do texto tornará esta ideia mais clara.

enredando e confundindo tudo em que tocam, carregam na consciência todas as meias medidas — três oitavos de medidas! — de que a Europa está doente — e também a mais suja espécie de cristianismo que existe, a mais incurável, a mais irrefutável, o protestantismo... Se não dermos conta do cristianismo, os alemães serão culpados disso...

A Reforma, Leibniz, Kant, a filosofia alemã, o idealismo, o Reich. Longe de serem elementos desconexos, são manifestações mais profundas e características da consciência alemã e, portanto, seu problema. Devem ser lidas sob a ótica de uma cultura que as unifica em um ideal nacionalista, impregnado na consciência popular, e que se manifesta em diversos âmbitos da vida do povo.

A partir desta constatação Nietzsche sugere o emprego de fórmulas decadentes por sujeitos impotentes na elaboração de expressões sociais, políticas e morais, constituindo a cultura como um todo. Tal é o caso que pode ser percebido claramente, segundo sua análise, no desenvolvimento da cultura e do estado alemão. No aforismo 10 de *O Anticristo*, Nietzsche firma o entendimento sobre este nexos entre religião, cultura e consciência nacional, ao afirmar a relação necessária entre cristianismo, sobretudo o cristianismo protestante, e a cultura, juntamente da moral, enquanto consciência de um povo.

Entre os alemães compreende-se de imediato, quando digo que a filosofia está corrompida pelo sangue dos teólogos. O pastor protestante é o avô da filosofia alemã, o protestantismo mesmo é o seu peccatum originale. Definição do protestantismo: a hemiplegia do cristianismo — e da razão... Basta falar a expressão “Seminário de Tübingen” para compreender o que é a filosofia alemã no fundo — uma teologia insidiosa... Os suábios são os melhores mentirosos da Alemanha, eles mentem inocentemente... A que se deve o júbilo que o aparecimento de Kant provocou no mundo erudito alemão, três quartos do qual é composto de filhos de pastores e professores (AC/AC §10).

No trecho acima, Nietzsche expressa de modo inequívoco a estreita relação entre o cristianismo protestante e a constituição da consciência alemã. A expressão por ele utilizada “Seminário de Tübingen” remonta ao famoso centro no qual vários filósofos alemães foram formados, entre eles Hegel, e que estabeleceram as linhas características do pensar alemão. Em suma, todo idealismo possível, não apenas na filosofia alemã, mas que concerne ainda à música, à poesia, ao programa político em geral de um estado alemão estão, em última instância, marcados pelo movimento da reforma protestante. Esta relação estabelecida por Nietzsche denota o primeiro passo para a constituição do cristianismo como problema e, em segundo lugar, como problema político. Se há a constatação primeira de um movimento degenerescente em toda a cultura, em um segundo momento esta constatação verifica-se como certeza de que, na raiz de toda esta problemática, encontra-se o cristianismo como sua razão última.

É digno de nota o fato de que havia a concepção corrente sobre o protestantismo como evento fundamental para a produção da consciência alemã, da qual se originam a cultura em geral e a filosofia. Heinrich Heine, em sua expoente obra *Contribuições para a história da religião e da filosofia na Alemanha* não hesita em afirmar que Lutero, com sua reforma, oferece elementos preciosos para a constituição político-cultural alemã, desde a liberdade de pensamento, cujo teor possibilitará o aparecimento da filosofia alemã, até mesmo a língua (estruturada e unificada na tradução da Bíblia), que será fundamental para o desenvolvimento da literatura alemã (HEINE, 2010, p. 85). Poderíamos afirmar a partir deste dado, sem sombra de exagero, que, apesar de o evento da unificação política da Alemanha ter ocorrido somente na segunda metade do século XIX, sua consciência é inteiramente fundada no movimento da Reforma Protestante, ao ponto de Heine expressar, sobre a figura de Lutero e seus feitos, que “essa circunstância irá produzir consequências indeléveis quando suceder nossa revolução política. A liberdade poderá ser expressa por todos os cantos e sua língua será a bíblica” (HEINE, 2010, p. 87). Liberdade de pensamento e unificação da língua constituiriam, para Heinrich Heine, os elementos fundadores do estado alemão. E ambos foram conquistados a partir do evento histórico da oposição à Roma na Reforma, que estabelece uma nova ideia de independência religiosa, cultural, mas também política, que conduzirão necessariamente à uma noção de superioridade cultural, que povoava a mentalidade da época. Esta mesma noção de superioridade cultural corrente no imaginário popular alemão será profundamente criticada por Nietzsche em vários de seus escritos, tanto da juventude como da maturidade.

Nietzsche estava ciente de que o cristianismo protestante ocupava um espaço para além dos limites circunscritos pela religião, mas avançava em questões artísticas, políticas e culturais, imprimindo uma consciência unificada de Alemanha. Por esta razão era lícito, para Nietzsche, associar a decadência cultural, a qual tinha lugar no século XIX, ao movimento cristão protestante, cujas características e influência haviam espalhado suas raízes sob o solo cultural de então, fomentando várias manifestações artísticas e culturais que passaram pelo crivo da crítica nietzschiana. No *Crepúsculo dos ídolos* Nietzsche torna clara a situação de decadência alemã, após a efetivação desta consciência unificada nacional que, conforme afirmamos anteriormente, está necessariamente ligada ao evento da Reforma Protestante com Lutero. Nietzsche se expressa do seguinte modo:

Vê-se que quero ser justo com os alemães: nisso não gostaria de ser infiel a mim mesmo — também devo, portanto, colocar minha objeção a eles. Paga-se caro por chegar ao poder: o poder *imbeciliza*... Os alemães — já foram chamados de povo de pensadores: ainda pensam atualmente? — Os alemães agora se entediam com o espírito, eles agora desconfiam do espírito, a política devora toda seriedade perante coisas realmente espirituais. “Alemanha, Alemanha acima de tudo” — este foi, receio, o fim da filosofia alemã... “Existem filósofos alemães? Existem poetas alemães? Existem *bons* livros alemães?”, perguntam-me na Europa. Eu enrubesço, mas, com a valentia que me é

própria mesmo em casos desesperados, respondo: “Sim, *Bismarck!*”  
 — Deveria eu também confessar que livros são lidos atualmente?...  
 Maldito instinto de mediocridade! — (GD/CI, VIII, § I).

De modo sarcástico Nietzsche critica o ponto final deste processo histórico que culmina com a unificação sob Bismark. No entanto, há uma distância abissal entre as vitórias bélicas que abrem margem para a unificação e a cultura, a qual já se tornou desgastada e insuficiente. O trecho acima ainda elucida o que fora dito no início deste trabalho: o problema político-cultural para Nietzsche é recorrente em sua obra até o final de sua produção intelectual. Como veremos, adiante, é esta a porta de entrada para a constatação de que subjaz, sob este problema político-cultural, um problema de ordem mais profunda, no âmbito fisiopsicológico.

De modo ainda mais enfático, em *Gaia Ciência*, Nietzsche expressa, no aforismo 146, esta íntima relação entre a reforma e o ser alemão, ou a consciência alemã, quando diz: “Desse modo se realizaria completamente a obra de Lutero, que ensinou-lhes a ser não-romanos e a dizer: ‘Aqui estou eu, não sei agir de outra forma’” (GC/FW §146). Ora, a ruptura com a Igreja de Roma significa muito mais do que uma ruptura de índole espiritual ou religiosa. Trata-se, antes de tudo, de um jogo político que institui muito mais a consciência de um povo em torno de uma identidade própria. Novamente o cristianismo deve ser interpretado, aqui, como o problema fundante da política e da cultura alemãs.

Já em *Humano, demasiado humano I* Nietzsche se deteve com esta mesma questão, o que a torna ainda mais clara. No aforismo 237 desta obra Nietzsche afirma o seguinte:

Foi o acaso de uma constelação política excepcional que preservou Lutero e fez o protesto ganhar força: o imperador o protegeu, a fim de usar sua inovação como instrumento de pressão sobre o papa, e do mesmo modo o papa o favoreceu em sigilo, para usar os príncipes protestantes como contrapeso ao imperador. Sem esse estranho concerto de objetivos, Lutero teria sido queimado como Hus (HH/MA, §237).

Não obstante a intenção de Lutero se referisse apenas à ordem moral do clero, os efeitos de seu protesto são claramente configuradores e norteadores da identidade alemã. Esta linha de compreensão permitirá Nietzsche definir o ser alemão em *Nietzsche contra Wagner*, tornando manifesta aquilo que ele entendia estar na base da cultura e da política de seu povo:

– Então isso é alemão?  
 É de coração alemão esse estridente anelo?  
 É de corpo alemão esse autoflagelo?  
 Alemães os gestos sacerdotais,  
 As pregações aromáticas, sensuais?  
 E alemão esse hesitar, cair, cambalear,

Esse edulcorado bambolear?  
 O repicar dos sinos, esse olhar por entre o véu?  
 E o falso-extático ansiar além do céu?  
 – Então isso é alemão?  
 Considerem, ainda não terminaram o percurso...  
 O que estão a ouvir é *Roma – a fé de Roma sem o discurso!*  
 (NW/NW, Wagner como apóstolo da castidade, §1)

## 2 DO PROBLEMA POLÍTICO-CULTURAL À QUESTÃO FISIOLÓGICA

Esta constatação sobre a questão profundamente política e cultural, que subjaz a crítica nietzschiana ao cristianismo, permite um passo além, no estabelecimento de uma espécie de genealogia do cristianismo e de sua lógica que operam no cenário cultural do século XIX. Trata-se de um passo decisivo na configuração do trato psicológico que Nietzsche dá à questão, outorgando ao nível fisiopsicológico o movimento primeiro que consolida o *modus operandi* da lógica cristã, que longe de se restringir somente ao campo religioso, estabelece sua mesma lógica na formação do *ethos* cultural da Alemanha do século XIX, conforme vimos anteriormente. Se a princípio o problema político-cultural indica seu terreno sólido na problemática do cristianismo como elemento subjacente à consciência alemã, num segundo momento, movido pela exegese fisiopsicológica, Nietzsche procura elencar as causas ainda mais profundas destas decisões *superficiais*<sup>3</sup>, que atingem a cultura de um modo geral. Neste momento, o que antes era tomado como a problemática político-cultural, em torno da qual giraram os problemas sobre o cristianismo como fundamento, agora, guiado por sua perspicácia psicológica, Nietzsche estabelece o que, em última instância, permitiu o avanço do cristianismo na formulação da consciência alemã: aqui, trata-se do problema, agora tomado em seu aspecto fisiopsicológico.

Novamente, no estabelecimento de um tipo fisiopsicológico que retrate a problemática, Nietzsche toma a figura de Lutero como chave para estabelecer esta passagem da constatação político-cultural para a constatação fisiopsicológica, chegando à esta como o movimento que subjaz todo o problema cultural alemão. No aforismo 358 de *Gaia Ciência* Nietzsche qualifica o pai da Reforma Protestante como rebelde camponês, que a partir de seu ressentimento estabelece a nova ordem religiosa:

‘Cada qual seu próprio sacerdote – sob tais fórmulas e sob a astúcia camponesa que há nelas escondia-se em Lutero o ódio abissal para com o homem superior e o domínio do homem superior, tal como fora concebido pela Igreja. Ele destroçou um ideal que não podia alcançar, enquanto parecia combater e abominar a degeneração desse ideal. Na realidade, esse homem que achara ser impossível ser monge

3 No sentido de superfície, daquilo que pode ser visto e apreendido como problema primeiro em sua análise histórico-cultural.

repeliu a dominação dos *homini religiosi*; fez no interior da ordem eclesiástica, portanto, precisamente o que combateu de forma intransigente na ordem civil – uma rebelião camponesa (GC/FW, §358).

Na imagem de Lutero ganha corpo não apenas a figura política, a partir da qual se constitui a consciência do ser alemão, em ruptura profunda com a igreja de Roma, bem como se expressa aquilo que, para Nietzsche, encontra-se no limiar da compreensão do problema do ser e do agir cristão: a constituição fisiopsicológica, a qual, por sua vez, unificando as vozes enfraquecidas e ressentidas constitui uma nova igreja, não mais caracterizada pela força instintiva que poderia ser claramente observada no renascimento (AC/AC, §61), mas pela moral rigorosa, contrária à vida, à força, aos instintos, estabelecida a partir de Lutero.

A “fé”, em todos os tempos, em Lutero, por exemplo, foi só um manto, um pretexto, uma cortina atrás da qual os instintos jogavam seu jogo — uma sagaz cegueira para o domínio de certos instintos... A “fé” — já a chamei a característica sagacidade cristã —, sempre se falou de “fé”, agiu-se sempre por instinto... No mundo cristão das ideias nada houve que apenas tocasse a realidade: e no ódio instintivo a toda realidade reconhecemos o único elemento impulsor na raiz do cristão. Que se segue daí? Que também in psychologicis [em questões psicológicas] o erro é aí radical, isto é, determinante da essência, isto é, substância.

Uma vez que compreende todo o ser e agir cristão a partir da força do instinto, Nietzsche configura o cristianismo como expressão suprema da *décadence*, uma vez que estes instintos, deteriorados, instintos doentios que se voltaram contra a vida, promovem uma contracorrente à toda força, ensejando não apenas uma moral, mas também uma cultura e uma política fracas. À medida em que nasce da deterioração dos instintos, da perda da força tônica que estabelece a afirmação do indivíduo, esta cosmovisão, que organizará o *modus vivendi* e o *modus operandi* do cristianismo e da civilização por ele ordenada, cria as condições necessárias para o *establishment* que vigorava na Alemanha de então.

Que o Cristianismo se configura como produto de realidades malogradas, na expressão de Nietzsche, ele o manifesta de modo claro no aforismo 15 de *O Anticristo*, no qual caracteriza a religião cristã em seu intenso distanciamento da vida, cujo estatuto fundamental baseia-se na condição fraca de uma existência na qual a força decai e apresenta-se em intensidade mínima.

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade [...].Esse mundo de pura ação diferencia-se do mundo sonhado, com enorme desvantagem sua, pelo fato de esse último refletir a realidade, enquanto ele falseia, desvaloriza e nega a realidade. Somente depois de inventado o conceito de “natureza”, em oposição a “Deus”, “natural” teve de ser igual a “reprovável” —

todo esse mundo fictício tem raízes no ódio ao natural (— a realidade!—), é a expressão de um profundo mal-estar com o real... Mas isso explica tudo. Quem tem motivos para furta-se mendazmente à realidade? Quem com ela sofre. Mas sofrer com a realidade significa ser uma realidade fracassada... A preponderância dos sentimentos de desprazer sobre os sentimentos de prazer é a causa dessa moral e dessa religião fictícias: uma tal preponderância transmite a fórmula da *décadence*... (AC/AC §15).

Desta característica de distanciamento da realidade, em vista do ressentimento operante no tipo fisiopsicológico cristão, há duas consequências: primeiramente há a criação de uma realidade fictícia, na qual o ressentimento encontra sua descarga, ainda que ilusória, ao vingar-se imaginativamente da vida enquanto tal. Mas há uma outra consequência, mais nefasta, segundo Nietzsche, que opera a manutenção desta vingança de modo efetivo, a partir do estabelecimento de uma moral que se sobrepõe, na realidade, à moral forte vigente até então. Este artifício encontrado pelos ressentidos, em paralelo com a promessa de uma vida eterna na qual os malogrados serão vingados de sua fraqueza, constitui o princípio primeiro em torno do qual se orienta a vida política e cultural. A moral é, neste sentido, o elemento constitutivo e mais basilar de toda uma cultura, que engloba desde a religião, as artes, a política, a economia, os costumes etc. na moral fraca encontra-se, portanto, o elo de ligação entre o âmbito fisiopsicológico e o âmbito político-cultural, de tal modo que partindo deste, num primeiro nível de compreensão, Nietzsche chega ao outro como seu elemento mais basilar e constitutivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se, portanto, claro o modo de operar de Nietzsche, a partir do qual num fluxo de construção de sua filosofia transita do problema político-cultural para a questão fisiopsicológica. Em suma, é possível notar como o problema sobre o cristianismo, tomado como questão filosófica, se constitui em suas análises, construído de modo a contemplar vários níveis ou estamentos do problema.

Há um nível de compreensão que evidencia a primazia do problema político-cultural na crítica nietzschiana ao cristianismo. Esta, por sua vez, permite entrever um nível de compreensão mais fundamental que explica, desde a raiz primeira, o problema exposto por Nietzsche em seus escritos críticos: na base de toda formulação político-cultural, encontra-se um problema fisiopsicológico ou, dito de outra forma, características fisiopsicológicas, bem como o ressentimento oriundo destas, que permitem a formulação de uma visão de mundo e um entendimento de vida que forjam e consolidam a cultura alemã de modo geral em seu tempo. O ressentimento de Lutero é o movimento primeiro que permite ensejar a cosmovisão em torno da qual se unificam vários âmbitos da vida e da cultura de um povo, forjando a identidade nacional com toda sua carga de problemas vislumbrados por Nietzsche em sua época.

É possível entrever a moral como elo de ligação entre o âmbito fisiopsicológico e o âmbito político cultural. Ora, é justamente a moral o produto do ressentimento de indivíduos e grupos de indivíduos malogrados como já afirmara Nietzsche em *Genealogia da moral* (GM/GM, I, §10). O ressentimento que produz a ilusão de uma eternidade, de um além em que se efetivará a vingança do fraco, produz também a moral, cujos valores, fundados na fraqueza, se impõe criando as condições necessárias para o desenvolvimento do nível político-cultural. Assim, a história de dominação dos cristãos sobre Roma, com seus valores debilitados (GM/GM, I, §16), e de Lutero sobre o instinto do renascimento (AC/AC, §61), que unifica, por sua vez, em torno da religião e de seus valores a cultura alemã, tem, em última instância, na tipologia fraca encarnada por Lutero e pelos cristãos sua explicação última.

No que se propôs este texto, evidencia-se que o problema do cristianismo, na crítica nietzschiana, expressa-se em dois níveis de compreensão, tal como expostos no decorrer do texto: o nível fisiopsicológico e o nível político-cultural, tomando este último como o nível que ocupa a primazia de compreensão, não em um esquema cronológico, mas em uma estrutura lógica de pensamento que permite a Nietzsche concluir que o problema político-cultural de sua época vincula-se, necessariamente, à constituição fisiopsicológica daqueles que estabeleceram a moral fraca como princípio da cosmovisão protestante, que por sua vez consolida a identidade alemã em torno da cultura e da política de então. Este percurso evidencia, ainda, que o problema político-cultural, embora não ocupe necessariamente o centro gravitacional dos escritos nietzschianos da maturidade, mantém sua importância à medida em que se relaciona intrinsecamente ao problema da fisiopsicologia descrito e trabalhado por Nietzsche nesta fase de sua produção intelectual, permitindo afirmar que ambos os níveis formam uma totalidade de compreensão do que se constituiu como uma das linhas mestras que perpassa a filosofia nietzschiana exposta em suas obras.

## REFERÊNCIAS

NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtlich Werke. Kritische Studienausgabe*. Edição organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Col. "Os Pensadores". Seleção de textos de Gérard Lebrun; trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Nietzsche contra Wagner. Dossiê de um psicólogo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo. Maldição ao cristianismo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HEINE, Heinrich. *História da Religião e da Filosofia na Alemanha e outros escritos*. Trad. Guilherme Miranda. São Paulo: Madras, 2010.